

Editorial

Queridos leitores,

Chega um novo número de Mariápolis, ainda no tempo do Natal. O Menino Jesus, nascido numa manjedoura porque não havia lugar para ele, queremos acolher hoje entre nós, para que nos façamos companheiros de viagem dos próximos que encontramos no nosso dia.

Estamos no começo de um novo ano, momento favorável para fazer um balanço do que foi vivido e assumir novos objetivos pessoais ou de grupo, como comunidade. Uma palavra que foi salientada no Collegamento de 27 de novembro de 2021 é “ralentar”. O que quer dizer?

Certamente diminuir de intensidade, atenuar. Margaret Karram, presidente do Movimento dos Focolares, explicou assim, naquela ocasião: “Devo dizer que desde há algum tempo, escutando sobre tudo o que vivemos neste período, senti um grande desejo de dizer ao mundo inteiro: vamos ralentar, parar, não no sentido de imobilidade, mas paremos para nos dar conta de como podemos viver o cuidado, como podemos cuidar do nosso relacionamento com Deus, antes de tudo, para viver uma vida coerente com o Evangelho. E como podemos viver sem pressa para escutar as pessoas que sofrem, que precisam da nossa ajuda, que precisam do nosso tempo.

Por isso, gostaria que este convite chegasse a todos e que possamos realmente dizer: vamos mergulhar no presente para poder viver bem esse cuidado, juntos, todos juntos, porque se não fizermos assim continuaremos a correr, correr, correr, e perdemos muitas ocasiões”.

Neste número de Mariápolis, além das contribuições, dos testemunhos, da vida das comunidades do Movimento em todo o mundo, encontramos um poster, presente composto por Walter Kostner, pintor e escultor, que nos convida ao cuidado com o meio ambiente, no espírito do “pathways”, os caminhos para um mundo unido que este ano tem como tema “dare to care – ousar cuidar”.

Boa leitura e vamos para frente com a decisão de “ralentar” para ter cuidado, entre nós e na sociedade, especialmente cuidar de quem “não tem um lugar”.

A equipe do Escritório de Comunicações

OS NOSSOS CANAIS:

email: ufficio.comunicazione@focolare.org

Site web: www.focolare.org

Instagram: [@focolare_official](https://www.instagram.com/focolare_official)

Facebook: [@focolare.org](https://www.facebook.com/focolare.org)

Youtube:

https://www.youtube.com/c/CollegamentoFocolare_official

PRÓXIMO ENCONTRO:

29 JANEIRO 2022 ÀS 20:00 (GMT+1)

Sommario

Face a face com a Presidente **02**

- A natureza heroica do amor em um casal

Em diálogo com o co-presidente **05**

- Palavra-chave: inclusão

Igreja Católica **08**

- A sinodalidade da América Latina

Em diálogo **10**

- Os “sonhos” são construídos juntos

Focolare no mundo **12**

- Jornada Gen Mundial: Juntos por um bem maior

Leituras **15**

- Um aprofundamento sobre a unidade

Evangelho vivido **17**

Mariapolites celestiais **18**

Santos Juntos **21**

- Chiara Lubich: Mudar para fazer nascer um mundo novo



Face a face com a Presidente

A natureza heroica do amor em um casal

"É inútil fingirmos ser um casal feliz, eu quero a separação". Estas foram as palavras da esposa de Virgílio há 12 anos. Ele nunca imaginou que o relacionamento deles terminaria. Mal-entendidos, falta de diálogo, frieza, que com o tempo alimentaram a distância até chegar à decisão mais drástica: a separação. Há muitos desafios que todo casal tem que enfrentar, grandes e pequenos, mas às vezes eles não conseguem superá-los sozinhos.

Infelizmente, os casais em crise são muitos, feridos e enfrentando a dor da separação. O Movimento Famílias Novas, um ramo do Movimento dos Focolares, iniciou percursos de orientação e ajuda para acompanhar os casais e auxiliá-los a sair da crise.

Em novembro de 2021, Famílias Novas organizou um encontro mundial online para capacitar casais ao acompanhamento. Margaret Karram, presidente do Movimento dos Focolares, enviou-lhes uma mensagem.

Caros amigos, aqui estou eu finalmente face a face com vocês. Tenho seguido com alegria este programa tão bem-preparado, que vocês realizaram com seriedade a fim de responder aos desafios de hoje, em um mundo onde a unidade da família está cada vez mais ameaçada.

A participação de vocês ao curso atesta a existência de pessoas que ainda acreditam na família e que por esta finalidade estão prontas a dar a própria vida. Agradeço do fundo do coração pela disponibilidade e pelo compromisso generoso de vocês.

Como sabem, minha pátria, a Terra Santa, é uma terra onde a paz sempre foi ameaçada, e eu experimentei pessoalmente o que significa viver em um clima de conflito. Ao mesmo tempo, cresci em uma linda família, na qual havia uma harmonia profunda e da qual recebi todos aqueles valores que me fizeram ser a pessoa que sou. Estes dois fatores me fazem apreciar de maneira especial os objetivos deste curso: analisar e ir ao encontro das fragilidades da família para ajudá-las com maior consciência e método.

Penso que tem sido um grande enriquecimento participar deste programa de formação com pessoas vindas de tantos países dos cinco continentes.

Sei que na introdução do curso, Maria e Gianni¹ lembraram as palavras de Chiara no discurso de fundação de FN em 1967², com uma ênfase especial que desejo repetir. Estas são as palavras de Chiara: "Quais famílias devemos preferir,

¹ Ndr. Maria e Gianni Salerno, responsáveis internacionais pelo Movimento Famílias Novas.

² Rocca de Papa, 19 de julho de 1967.

de quais devemos nos aproximar, com quais devemos nos encontrar primeiro? Aquelas em que o semblante de Jesus Abandonado resplandece mais, as famílias onde há risco de separação ou divórcio, onde quer que haja famílias desmembradas a serem reunidas".

É ali que devemos ir. Também emerge do documento final da Assembleia Geral da Obra de Maria que há uma necessidade urgente de responder ao grito da humanidade e da família, que é o seu coração.

As famílias da Obra têm feito muito neste sentido, mas certamente agora é preciso continuar com vigor. Aliás, podemos dizer que estamos iniciando uma nova etapa no caminho de Famílias Novas, em que devemos nos abrir à realidade da família hoje de uma maneira profundamente consciente, a família que está cada vez mais em crise devido aos ritmos exasperados da vida cotidiana, ritmos que complicam as relações a ponto do diálogo do casal se perder e, chegando ao extremo, à separação, na qual as crianças são as principais vítimas inocentes.

Pensei que agora, com a pandemia, quantas crises aumentaram na família por várias razões. Portanto, há inúmeros exemplos. Vocês os conhecem bem e certamente melhor do que eu. Este curso para acompanhadores de casais em crise e separados me confirmou a atualidade do apelo de Chiara Lubich e o quanto é urgente e importante que as famílias se comprometam em prol das famílias. Famílias tão motivadas, como vocês, dão um exemplo muito forte; a unidade entre vocês – talvez reconquistada todos os dias – é um testemunho extraordinário que restaura e dá coragem, é uma verdadeira dádiva para muitas outras famílias e em particular para aquelas feridas pela crise ou pela separação.

Gostaria de lhes contar uma experiência que vivi quando estava na Terra Santa, porque é importante que as famílias ajudem as famílias, mas às vezes nós focolarinas e focolarinos também podemos dar uma contribuição.

Lembro-me que as famílias com as quais convivíamos na Terra Santa, apesar de serem famílias maravilhosas – lá existe um grande senso de família – sofriam muito com a situação exterior de conflito, guerra e ódio; e seus filhos também respiravam essa atmosfera. Assim, as causas externas provocavam ainda mais crises nos casais e nas relações com os filhos. Nós tivemos muitas vezes que ouvir essas famílias, encorajá-las.

Recordo-me que abrimos nossa casa, o focolare, para recebê-las, convidá-las para jantar. Eu aprendi que, para essas famílias, é necessário ter tempo, não podemos simplesmente nos limitar a dizer: agora eu tenho outra coisa para fazer, mas é preciso dedicar todo o nosso tempo com grande generosidade e com escuta profunda.

Muitas vezes nós nem mesmo tínhamos as respostas, mas acolher a dor daquelas famílias com as quais estávamos em contato lhes dava pelo menos algum alívio.

Tentávamos inventar de tudo para unir essas famílias, esses casais. Por exemplo, se tínhamos algum trabalho para ser feito em casa, ao invés de chamar um encanador ou alguém que não conhecíamos, perguntávamos ao marido desse casal: “Você pode consertar esta avaria em nossa casa?”. Assim, depois do trabalho, à noite, ele vinha. E pensávamos: mesmo que ele respire esta atmosfera de família no focolare, não é suficiente. Então ligávamos para sua esposa e dizíamos: “Você poderia vir mais tarde buscar seu marido que está sem carro?”. Então, ela vinha. Mas isso ainda não era suficiente, nós os convidamos para jantar, ficávamos com eles. E no retorno para casa eles se falavam.

São pequenos exemplos para dizer que certamente vocês, enquanto famílias, podem ajudar ainda mais essas famílias fragilizadas.

Eu também queria compartilhar com vocês outra coisa.

³ Nos primeiros tempos do Movimento dos Focolares, Chiara Lubich e as primeiras companheiras todas as noites faziam um pacto de misericórdia, isto é, de se verem novas, esquecendo completamente os defeitos das outras, mas cobrindo tudo com o amor.

Há alguns dias, participei de um curso para focolarinos e focolarinas casados que desejam entrar no focolare. Eles nos fizeram muitas perguntas, as mais variadas, sobre a vida do focolare, a vida de casal etc. Uma das perguntas foi sobre o perdão e o pacto de misericórdia³. Contei-lhes sobre algumas das minhas reflexões, que tenho o prazer de compartilhar com vocês.

Eu disse que é fácil dizer: "Nós nos perdoamos e recomeçamos", mas não é automático. O pacto de misericórdia, e qualquer pacto que se faça, acontece sempre entre duas pessoas: eu o faço com outra pessoa ou com Deus. E pensei: na minha vida, como eu vivo este aspecto? Se eu faço um pacto de misericórdia, antes de tudo tento perdoar quem me ofendeu e tento fazer a minha parte; mas por outro lado não tenho que esperar que a outra pessoa me perdoe. E isso não é tão simples.

Lembrei que Chiara Lubich sempre nos disse que devemos amar sem esperar nada; precisamos ter este amor entre nós que é tão puro que não pretende sequer ser perdoado, mas faz a própria parte. E estou realmente convencida de que o amor cristão é um amor heroico. Falando agora a vocês, posso imaginar como este amor deve ser heroico para um casal. Muitas vezes até entre nós, quando sentimos que fomos ofendidos, julgados ou mal compreendidos por algo que dissemos ou pela forma como nos comportamos, às vezes

até pela nossa cultura ou pelo nosso caráter..., não é tão simples assim. Eu experimentei que precisei de algum tempo para aceitar o fato de que a outra pessoa não me entendeu ou não conseguiu me aceitar.

Uma lição que aprendi com as minhas experiências é que às vezes é preciso saber esperar, porque às vezes queremos que as coisas...: basta, vamos recomeçar, já passou tudo! Mas não é assim; você tem que ser paciente, porque cada um de nós tem o próprio tempo no processo de perdão.

Aprendi que às vezes é preciso permanecer na cruz, sem pretender nada; esperar que este processo dentro de mim abra o caminho; e pedir a Jesus que faça o mesmo também dentro da outra pessoa. Depois, tentar conversar sinceramente, com liberdade, ter a coragem de dizer as coisas face a face. Vi que isto facilita o perdão, facilita o diálogo e ajuda a reconciliação em momentos de crise e conflito.

Gostaria de saudá-los com este desejo de Chiara Lubich que me comprometo em viver com todos vocês. *“Meu Deus, faze que eu seja no mundo o sacramento tangível do teu Amor, do teu ser Amor: que eu seja os braços teus que estreitam a si e consomem no amor toda a solidão do mundo”⁴.*

Margaret Karram

Fotos: Margaret Karram com a Secretária Internacional do Movimento das Famílias Novas.



⁴ Trento, 1 setembro de 1949. In LUBICH, C. *Ideal e Luz*, São Paulo: Editora Brasiliense-Cidade Nova, 203, p. 126.



Imagem capturada de vídeo

Em diálogo com o co-presidente

Palavra-chave: inclusão

Em 30 de novembro, aconteceu a **Unity Conference 2021** (n.d.t. Conferência da Unidade 2021), com o tema "**Novos caminhos para a inclusão em um mundo dividido**". Foi a ocasião para o lançamento da **Nuova Global Foundation**, uma plataforma recentemente estabelecida que conecta as revistas e as editoras da Cidade Nova em uma rede global. Seu objetivo é apoiar o desenvolvimento da mídia para difundir o ideal da fraternidade universal e de um mundo unido. A Conferência, realizada no Centro Mariápolis em Castel Gandolfo (Itália), contou com a presença de pessoas do mundo inteiro. Margaret Karram (presidente do Movimento dos Focolares) abriu os trabalhos, seguida por três mesas redondas sobre a nova economia social inclusiva, as oportunidades globais na promoção da dignidade humana, as mudanças climáticas e a inclusão social. Jesús Morán (co-presidente do Movimento dos Focolares) concluiu o dia com o discurso que publicamos..

Antes de começar, gostaria de agradecer de modo especial àqueles que me precederam ao microfone neste evento organizado pela *Nuova Global Foundation*. Os temas do mundo da mídia, a transmissão do legado de um carisma, as necessidades e as oportunidades de diálogo foram tratados com competência. Também fiquei impressionado com as experiências nos vários campos da economia e da ecologia.

Com relação a tudo isso, acredito estar falando em nome de muitos quando expresso minha "maravilha". Percebo que este sentimento

provavelmente pareça fraco, se compreendido na linguagem cotidiana. Mas os gregos consideravam "maravilha" (*thaumas*) a experiência primordial de conhecer e comunicar a verdade. O homem na antiguidade ficou consternado com a transitoriedade, a limitação e a finitude da existência, e quando ele encontrava as coisas que permaneciam, que "ficavam acima" (*episteme*), entendia, com admiração, que estas eram a verdade.

Preso no turbilhão de interesses, trocas, processos sociais, onde tudo parece ter uma data de validade, onde tudo parece ter valor apenas quando é útil, o homem de hoje ainda é capaz de sentir "maravilha" quando descobre e destaca o que é, o que permanece, o que autenticamente indica valor, para além de toda a utilidade. E então, deixem-me dizer, como filósofo, que meu desejo é que entre os objetivos da *Nuova Global Foundation* esteja também o de ser uma fonte inesgotável de "maravilha".

Nuova Global Foundation... Sim, uma fundação! Algumas pessoas vão pensar que somos loucos! Em um mundo que todos descrevem como líquido, estamos criando algo. Na era da modernidade líquida, da sociedade líquida, das relações líquidas, onde a única preocupação deveria ser não afundar, é preciso coragem para criar algo. De onde vem tanta coragem? A partir da consciência de que, quando os tempos se tornam difíceis, você tem que ser capaz de ousar mais. Chiara Lubich também entendeu isso,

quando fundou o Movimento dos Focolares em uma época da história marcada pela devastação da guerra mundial, o colapso dos ideais e a perda de tantas esperanças comuns. Ela se perguntou se havia um ideal que não corria o risco de ser enterrado sob os escombros, e encontrou uma resposta: Deus, em torno de quem foi construída uma comunidade que hoje se estende até os mais distantes, a projetos ambiciosos como este. Pode-se ver que grandes coisas, para serem fundadas, precisam do olhar clarividente, cheio de admiração, daqueles que são capazes de ir além de um presente difícil e desesperado.

Inclusão é a palavra-chave desta iniciativa e da *Nuova Global Foundation*. A transformação que o significado deste valor tem sofrido nas últimas décadas é evidente.

Até alguns anos atrás, a inclusão era uma preocupação moral, considerada positiva na medida em que reduzia a marginalização social. A inclusão foi a ideia que estava por trás de muitos projetos educacionais destinados a superar discriminações de todos os tipos. Em uma época marcada pelas diferenças de classe, a inclusão era a maneira de levar as classes mais baixas a usufruir dos mesmos benefícios sociais e econômicos que as classes mais altas. Em outras palavras, a inclusão era a maneira de trazer aqueles que não conseguiam por conta própria para a corrente dominante da sociedade.

Hoje, este significado de inclusão não é o mais decisivo. A inclusão não é mais uma possibilidade dada a alguém, mas uma necessidade que diz respeito a todos. Experimentamos diariamente que a realidade é plural e interligada, que o princípio da interdependência planetária mostra a validade da condição marcada pelo princípio de que "tudo o que acontece em qualquer canto do mundo pode ter uma repercussão em qualquer outro lugar do planeta". As ciências naturais haviam descoberto este princípio há muito tempo, desde que Edward Lorenz, em 1962, cunhou o famoso ditado que "o menor tremor de uma borboleta no Brasil pode causar um furacão no Texas" e o colocou como uma base sugestiva para a emergente teoria do caos.

Hoje, descobrimos que os furacões não são a primeira nem a única coisa a temer. Temos testemunhado como um vírus que surgiu de quem sabe onde está produzindo morte, doença e

limitações sociais em todos os lugares. Temos visto como o desmatamento em uma região do planeta está causando danos incalculáveis ao equilíbrio ecológico do planeta. Temos experimentado como um petroleiro que perde sua carga de combustível em um ponto de algum mar implica em enormes danos ambientais em outros lugares. Temos experimentado repetidamente como uma mudança em um índice financeiro em uma bolsa de valores localizada longe pode produzir redundâncias em outra parte do mundo, e assim por diante.

E se esta série de eventos descreve a condição de interdependência entre áreas do planeta, ela se apresenta da mesma forma, mesmo que proporcionalmente reduzida dentro de qualquer comunidade humana circunscrita. Também as nossas cidades são afetadas pela condição multicultural e multirreligiosa. Também em nossas cidades existem bairros pobres e ricos, lugares onde certas culturas se reúnem e espaços onde cidadãos de diferentes tradições e visões de mundo vivem juntos, muitas vezes com dificuldade. Portanto, também em nossas comunidades humanas, experimentamos a interdependência.

Uma resposta possível a esta condição é fechar-se na fortaleza da própria segurança, encontrar-se sozinho com seus semelhantes, erguer diques, erguer paredes e impedir que as pessoas cruzem a fronteira e se encontrem umas com as outras. É uma tentação presente e conhecida naqueles que têm medo de encontros multiculturais e querem resolver os desafios da interdependência, negando-a. Mas esta tentação não é a maioritária. Não há nenhuma barreira, nenhum muro, nenhum limite que possa impedir a humanidade de se reconhecer como um sujeito composto de um único destino. Quantas vezes, especialmente nos últimos anos, já ouvimos advertências como "ninguém se salva sozinho", "estamos todos no mesmo barco", "ninguém é uma ilha", etc.? É evidente, e estamos aprendendo da maneira mais difícil, que não podemos viver felizes quando o sofrimento e o desespero são semeados ao nosso redor.

Se o meu destino está embutido no destino de todos; se minha felicidade depende da felicidade dos outros, então ela dependerá sobretudo daqueles que não a têm.

A consequência lógica é que, sem uma atitude inclusiva, sem uma inclusão planejada e competente, não se vai a lugar algum. A inclusão, aqui, como a entendemos, pressupõe a operação de desenterramento entre os interstícios de nossa sociedade global daquelas realidades intangíveis, que não têm sequer força para representar seus próprios interesses, ou que perderam toda a esperança de ver seus direitos reconhecidos. Creio que este ponto é central: não se trata apenas de ativar iniciativas destinadas a incluir aqueles que estão em pior situação, mas de expulsar aqueles que, por último, constituem porções invisíveis da condição humana, das quais podem ser gerados processos negativos e descontrolados no equilíbrio de cada ordem e nível.

Paradoxalmente, estamos num momento propício para sonhar e elaborar um projeto de sociedade que a tradição cultural do estoicismo ao cristianismo, do jusnaturalismo ao Iluminismo kantiano (para falar apenas do Ocidente) sempre defendeu - cada um com suas próprias categorias - e isso é o que agora é definido como um cosmopolitismo enraizado e cordial (Cf. Cortina, *"A Cosmopolitan Ethic"*, 2021) que poderia ter as seguintes premissas conceituais: um "nós" inclusivo relutante à polarização; uma amizade cívica ou social; uma economia liberal-social inclusiva ("a empresa do futuro será social ou não será"); um jornalismo ético a serviço das sociedades abertas; uma cidadania social cosmopolita; uma governança global traduzida em uma espécie de estado cosmopolita democrático ("um projeto político de democracia cosmopolita que globaliza a democracia e democratiza a globalização"); uma nova aliança entre tecnociências e humanidades (Cf. Tudo isso se baseia no respeito às identidades dos povos e, sobretudo, em uma ética cosmopolita, que significa uma ética "dialógica com a razão cordial", uma ética de intersubjetividade não formal, mas ancorada nos princípios da hospitalidade e da compaixão, e em uma consciência moral transnacional e global que presta uma atenção especial aos pobres e excluídos, que se conforma com a vulnerabilidade humana e é apoiada por uma educação ética baseada na dignidade da criação e das pessoas. Uma longa lista de estudiosos vem defendendo isso há algum tempo: desde Appiah, Archibugi, Beck, Brock, Canei, Rawls, até Habermas, Nagel, Held, Nussbaum, Parek, Pogge, Cortina e Sen; mas também o trabalho incansável das melhores

ONGs a serviço do desenvolvimento integral e das instituições internacionais, além de suas limitações óbvias (cf. *Ibid.*).

Acredito que fomentar a realização de tal projeto deve fazer parte da missão constituinte da *Nuova Global Foundation*. Parece-me que assim possa aderir criativamente e efetivamente ao impulso que o Papa Francisco está dando à promoção de um antídoto para a "cultura do descarte" que, em outras palavras, poderíamos definir justamente como a "cultura da exclusão". Extenuar os últimos e incluí-los no espaço público, desenterrar as condições mais escondidas e incluí-las na representação de interesses, desenterrar os invisíveis e trazê-los ao centro da deliberação política, estes são processos que também qualificam o humanismo lançado pelo Papa Francisco, o Patriarca Bartolomeu, o Imã de Al-Azhar e outros líderes religiosos. Alguns dos mais significativos eventos recentes incluem "A Economia de Francisco" e o "Pacto Global sobre Educação", para o qual o Movimento dos Focolares tem contribuído desde seu início.

Gostaria, portanto, de concluir este discurso com a esperança de que hoje tenha sido posto em marcha um novo processo de longo prazo, capaz de atender às questões de significado de uma humanidade às vezes desorientada, perdida nos muitos riachos da fragmentação social. Um passo importante para um mundo mais unido, um pedaço significativo do mosaico que representa a única família humana. Não faltam motivos para ter esperança. Como diz A. Cortina, "desenvolver uma nonarrativa, uma narrativa comum, está se tornando cada vez mais difícil e necessário". "Os desafios globais (clima, pandemia, digital, imigração e pobreza) exigem respostas cosmopolitas" (*Ibid.*).

Jesús Morán

Para maiores informações sobre a Nuova Global Foundation: www.nuovagloblal.org



Igreja Católica

A sinodalidade na América Latina

A Igreja na América Latina fez uma experiência inédita na realização da Assembleia Eclesial: um caminho feito por todo o Povo de Deus, num processo que teve seu ponto forte no final de novembro passado, e que agora continua para atuar as orientações pastorais evidenciadas.

“Vivemos uma verdadeira experiência de sinodalidade, na escuta recíproca e no discernimento comunitário daquilo que o Espírito Santo deseja dizer à sua Igreja. Caminhamos juntos reconhecendo a nossa poliédrica diversidade, mas, principalmente, aquilo que nos une e, no diálogo, o nosso coração de discípulos olhou para a realidade que o continente vive, nos seus sofrimentos e esperanças”.

Assim afirmaram os 885 membros da Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe, realizada de 21 a 28 de novembro, de modo virtual e presencial, no México, com representantes de todos os países do continente americano.

“No dia 24 de janeiro de 2021 – diz Susana Nuin, focolarina uruguaia, coordenadora do Cebitepal, órgão da Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) que se dedica à formação – o Papa Francisco abriu o processo desta primeira assembleia eclesial, com a indicação de que tomasse parte todo o Santo Povo de Deus, isto é, cardeais, bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas, leigos e leigas, incluindo todas as gerações e todas as culturas”.

Um caminho que envolveu todas as dioceses, as paróquias, as comunidades e os movimentos em um tempo de “escuta”. Chegaram 70 mil respostas coletivas ou individuais que serão reunidas em um livro. Deste material saíram as grandes linhas sobre as quais trabalhou-se nos vários grupos.

“Na minha opinião – continua Susana Naim – os grupos constituíram um espaço muito interessante, pelo compromisso e o interesse dos participantes. Trabalhávamos durante três horas seguidas, com muita liberdade de expressão, com vontade de mudança”.

“Para mim foi uma verdadeira experiência de sinodalidade – intervêm Sandra Ferreira Ribeiro, focolarina brasileira, corresponsável no Centro Uno, a secretaria para o diálogo entre cristãos de diferentes Igrejas do Movimento dos Focolares -. Todo dia, nos trabalhos de grupo, havia uma nova pergunta a ser respondida com base na temática vista na primeira parte do dia. No nosso grupo éramos 14 pessoas de vários países, vocações e idades, todos conectados via Zoom. Inicialmente ouvíamos o pensamento de cada um, depois procurávamos identificar uma prioridade naquilo que viera em relevo, fazendo uma síntese”.

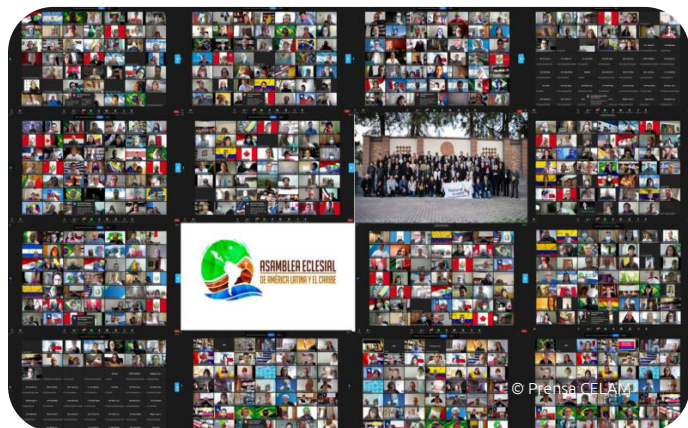
Um trabalho intenso e fecundo, com breves pausas de intervalo que às vezes eram até deixadas de lado para continuar o diálogo, e assim enviar à

equipe de coordenação alguma reflexão pessoal. Os recursos online permitiram uma participação maior, ainda que isso tenha representado um limite no conhecimento mútuo, aquele que nasce espontaneamente “nos corredores”, nos intervalos e que faz também parte da sinodalidade. Os momentos de oração, muito bem preparados especialmente pelas religiosas e religiosos, exprimiram as contribuições culturais com símbolos e expressões musicais, sempre fundamentados na Palavra.

Como em qualquer caminho sinodal houve inclusive espaço para a discordância, para a troca entre pontos de vista às vezes divergentes, mas que nunca levaram a confrontos ou rupturas.

De maneira expressa decidiu-se não redigir um documento final, porque há ainda muito o que colocar em prática no Documento de Aparecida (2007). Além disso, esta Assembleia é apenas um passo no caminho iniciado que deve continuar, e continuará. A decisão foi lançar uma mensagem a todo o Povo de Deus da América Latina e Caribe, que contém os desafios e as orientações pastorais prioritárias, que vão do novo impulso enquanto Igreja em saída ao protagonismo dos jovens e das mulheres; da promoção da vida humana, da concepção à morte natural, à formação à sinodalidade. Desafios que incluem a escuta e o acompanhamento dos pobres, excluídos e descartados, com a finalidade de redescobrir o valor dos povos originários, a inculturação e a interculturalidade; prioridade em colocar em prática os sonhos de “Querida Amazônia”¹ pela defesa da vida, da terra e das culturas originárias e afrodescendentes. E, não por último, dar cuidadosa atenção às vítimas de abusos ocorridos no contexto eclesial, e trabalhar para a prevenção.

Entre os convidados, estavam presentes o cardeal Marc Ouelet, prefeito da Congregação para os Bispos e presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina; o cardeal Mario



Grech, secretário geral do Sínodo dos Bispos; representantes das conferências episcopais regionais, que acompanharam os trabalhos com grande interesse.

“Foi um momento privilegiado para poder encontrar a Igreja da América Latina – conclui Sandra Ferreira Ribeiro -. No meu grupo havia bispos, sacerdotes, religiosos, leigos. Reencontrei a Igreja justamente nos seus membros, nas pessoas que exprimiam as próprias ansiedades e preocupações. Foi emocionante ver a Igreja latino-americana viva, dinâmica, e o seu desejo de levar a fraternidade, o Reino de Deus. O desejo de levar, verdadeiramente, Jesus a todos”.

Carlos Mana

PARA BAIXAR a mensagem final:

<https://www.cec.org.co/sites/default/files/MENSAJE%20FINAL-Asamblea-Eclesial.pdf>

¹ “Querida Amazônia” é uma exortação apostólica pós-sinodal de 2020, do Papa Francisco, em resposta ao Sínodo dos Bispos da região Pan-Amazônica, realizado em Roma, em outubro de 2019.

Em diálogo

Os "sonhos" são construídos juntos

Um caminho original de reflexão sobre a encíclica "Todos irmãos", que reuniu pessoas sem referências religiosas e crentes. O encontro com o Papa Francisco e o compromisso de gerar um mundo aberto.

A emoção é evidente nos olhos brilhantes de Luciana, que acaba de cumprimentar o Papa Francisco no final da audiência de quarta-feira, 24 de novembro de 2021. Em seu discurso, Bergoglio havia falado da importância de nutrir relacionamentos, e a sua atitude de não se afastar de um relacionamento pessoal com muitos dos presentes na plateia foi uma demonstração disso. Entre eles estava um grupo bastante "original", incluindo Luciana Scalacci.

“Papa Francisco-escreveram-lhe em 30 de agosto - eis quem nós somos: 30 pessoas de culturas diferentes, cerca da metade sem referências religiosas, pertencentes a grupos espontâneos, que têm em comum o desejo de viver o diálogo enxertado no carisma da unidade que Chiara Lubich nos transmitiu”. Para eles, como para todos os outros, a atual pandemia tem limitado a possibilidade de se encontrar.

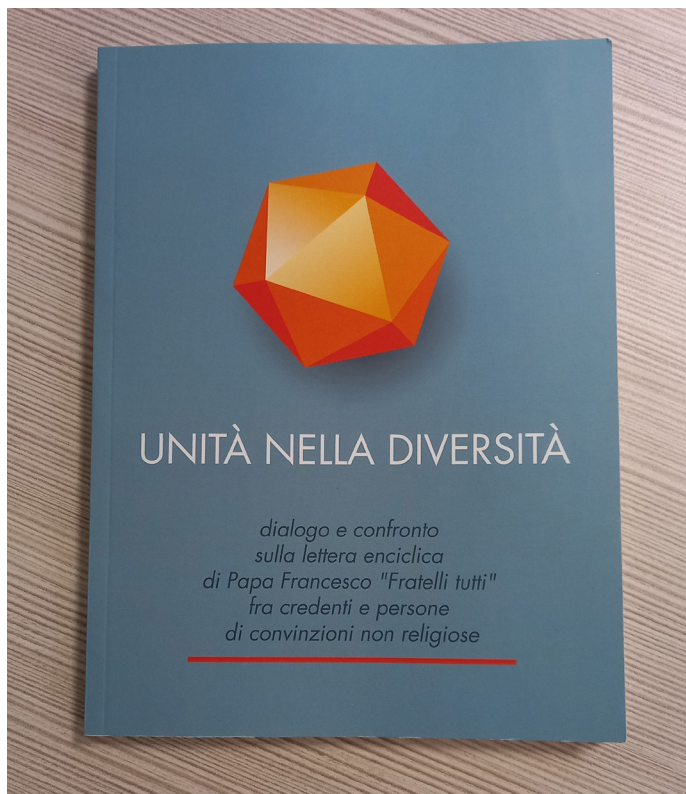
Na verdade, eles vêm de várias regiões italianas: Toscana, Úmbria, Apúlia, Trentino, Lácio, Vêneto e Lombardia. “Neste período difícil, porém, chegou a encíclica ‘Todos Irmãos’ do Papa Francisco - dizem-me eles - e a estima que tínhamos por ele nos levou a abordar esta encíclica. Afinal, ele mesmo diz que a escreveu a partir de suas convicções cristãs, é claro, mas de tal forma que a reflexão estaria aberta ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade. Pareceu-nos ser um documento universal concebido e escrito para todos, um todos no



sentido de cada pessoa, de cada mulher, de cada homem. Para todos também no sentido de que trata de todos os problemas dos tempos difíceis em que vivemos; e enquanto nos apresenta a seriedade deles, nos adverte, mas, ao mesmo tempo, nos mostra o caminho para parar esta corrida louca sem retorno”.

Daí veio a decisão: além de participar dos muitos eventos em que contaram com a presença de especialistas, estudiosos e intelectuais, “queríamos nos deixar interpelar pessoalmente pela encíclica, com a atitude daqueles que estão dispostos a se perguntar onde estamos, obrigando-nos a dar respostas sobre o que estamos fazendo para contribuir para aquela aspiração mundial à fraternidade de que o Papa Francisco fala na encíclica”.

Assim, escolheram um método: cada pessoa leu os diversos capítulos e a cada duas semanas compartilhou suas reflexões, sem a mediação de especialistas externos. “Para nossa grande surpresa - confidenciam - temos visto confirmações inesperadas da validade do método escolhido: ao pequeno grupo inicial juntaram-se outros, de alguma forma atraídos por esta nova maneira de interagir com um documento tão complexo”. Alguns confessaram que estavam se aproximando de uma encíclica pela primeira vez. E o faziam com um estilo: “Diálogo aberto, sem preconceitos, em uma escuta participativa e profunda das opiniões



de todos, com confiança e respeito mútuos, certos de crescer e nos enriquecer juntos”.

O resultado foram encontros vivos e envolventes, reflexões cheias de significado, ao ponto de decidirem coletá-las em um livreto intitulado "Unidade na diversidade". E, logicamente, fazer um presente para o Papa Francisco. A referida carta de 30 de agosto conclui assim: "Caro Papa Francisco, obrigado pela encíclica e pelo que você está fazendo pela humanidade e pela Igreja. Teremos prazer em

conhecê-lo pessoalmente para dar-lhe o fruto deste trabalho composto pelas reflexões de todos aqueles que participaram. Aqueles de nós que são religiosos estamos orando por você, enquanto aqueles de nós que não são dirigem-lhe um pensamento intenso e cheio de simpatia e gratidão".

O Papa lhes agradece e diz estar disposto a recebê-los. É por isso que alguns do grupo participam na audiência e Luciana, em nome de todos, entrega ao papa Francisco não apenas o livreto, que é quase um diálogo aberto com ele, mas também o compromisso que ele contém de serem construtores de fraternidade. Em uma das páginas introdutórias eles escrevem: "Também graças a você nos contaminamos de forma frutífera e compreendemos, de forma ainda mais profunda, que sozinhos corremos o risco de ter miragens, assim vemos o que não existe; os sonhos são construídos juntos. Estamos aqui para lhe pedir uma palavra para que este nosso caminho possa continuar e para que cada um de nós, dentro de quem habita o viajante, a vítima, o bandido, o padre, o levita e o samaritano, possa ser orientado decisivamente para viver para gerar um mundo aberto e para construir um coletivo que habite a Terra". Conhecendo-lhe, estamos certos de que isso acontecerá, de fato já é assim!.

Aurora Nicosia

(www.cittanuova.it)



Focolare no mundo - Jornada Gen mundial

Juntos por um bem maior

Os gen, os jovens dos Focolares, miram a santidade. Eles são jovens como todos: com alegrias, tristezas, sonhos e dificuldades. Mas eles sabem que um objetivo tão ousado não pode ser alcançado da noite para o dia. É construído momento a momento e não sozinho, mas juntos.

Eles expressaram isto com histórias de vida, canções e relatos em um dia mundial que os reuniu virtualmente por mais de duas horas no domingo 19 de dezembro de 2021.

Margaret Karram, presidente do Movimento dos Focolares, saudou-os e convidou-os a estarem atentos à construção de relações verdadeiras e profundas com todos, parando na frente dos próximos para descobri-los "aqui e agora".

Nós lhes damos a palavra através desta seleção de experiências de vida contadas durante o dia.

Unidade na diversidade

A República da Indonésia reconhece uma série de religiões oficiais: Islamismo, Cristianismo, Hinduísmo, Budismo, Confucionismo e crenças tradicionais. A maior população é muçulmana. Esta diversidade faz do diálogo inter-religioso um diálogo da vida cotidiana.

Atualmente, estou estudando para um Mestrado em Ciências Farmacêuticas. Na universidade, encontro muitos amigos de ilhas diferentes,

pertencentes a diferentes religiões. Algumas delas são muito próximas a mim, são como minhas irmãs. Sou cristã católica, a amiga ao meu lado é hindu e as outras são muçulmanas.

Durante o mês do Ramadã, muitas vezes os acompanho para quebrar seu jejum. Uma vez eu os convidei para quebrá-lo juntos no Focolare. Eles se sentiram muito amados. Após a reunião, um deles escreveu em seu perfil no Instagram: "Não temos a mesma origem, religião, idade ou até nem somos do mesmo país, mas temos um sonho: criar um mundo melhor para todos, ter esperança e rezar por um futuro próspero". Esperamos um mundo universal, como diz o lema de nosso país "Bhineka Tunggal Ika" - "Unidade na Diversidade".

Vivo em uma pensão onde a maioria das meninas são muçulmanas. Quando elas se mudaram para lá, a princípio tinham medo de mim porque eu parecia muito séria e a maioria delas nunca havia vivido com não-muçulmanas. Um dia eu comi muitos doces e pensei em compartilhá-los com elas. A relação entre nós está crescendo. Cozinhamos juntas, comemos juntas, praticamos esportes, brincamos juntas. Nossa experiência de viver juntas ampliou nossos horizontes e estamos felizes com isso.

Tika (Indonésia)



Amar além das próprias forças

Tenho uma irmã que está estudando arquitetura. Durante os últimos três meses, ela dedicou-se ao trabalho da sua graduação, permanecendo acordada muitas noites. Ela teve que apresentar um seu projeto da cidade: preparar os documentos e modelos de apresentação. Normalmente os estudantes mais novos ajudam os que estão mais adiantados nestas tarefas, mas por causa da COVID-19, minha irmã teve que fazer tudo sozinha. A certa altura, ela pediu ajuda à minha mãe e a mim. Respondi de bom grado: "Muito bem! Eu posso te ajudar"! Mas depois pensei: "Eu também tenho muitos deveres de casa agora", e me perguntei: "Será que foi uma escolha sábia dizer que eu a ajudaria? Estas tarefas são importantes para o seu diploma, serei capaz de fazê-lo bem? Não seria melhor ter alguém que conheça o assunto"?

Mas, vendo minha irmã lutando, pensei: "Se eu terminar meu trabalho de casa cedo, serei capaz de ajudá-la". Assim, todas as noites eu a ajudava de todo coração com seus deveres de casa, como se fossem os meus. No final, ela foi capaz de entregar seu trabalho, que foi concluído em tempo, com sucesso. Ela me agradeceu muito e ficou feliz por este trabalho ter sido concluído não só por ela, mas com a força de todos.

Seria uma mentira se eu dissesse que ajudei minha irmã amando-a cem por cento, sem reclamar, mas não me arrependi de ter feito isso, meu coração ficou aliviado e feliz. Além disso, dentro de mim, havia uma pequena alegria.

Veio-me à mente uma frase do Evangelho que diz: "Aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele", e eu pensei: "Talvez Deus tenha feito morada em mim?"

Rosa (Coreia)

Entre a guerra e a esperança

Estudo engenharia informática. Desde criança, procuro viver a espiritualidade do Movimento dos Focolares. No último período, eu sentia que meu relacionamento com Jesus e Maria estava distante. Eu me perguntava onde Deus está e como Ele permite as dificuldades que vivemos aqui na Síria, tais como a falta de eletricidade, os altos preços e a dura situação econômica. Além disso, tudo isso estava tendo um efeito no meu relacionamento com os outros. Recentemente fui a Londres por um mês para visitar minhas irmãs e lá participei de um fim de semana com os Gen, os jovens dos Focolares. Esta experiência me ajudou a encontrar muitas respostas e a me redescobrir vivendo a espiritualidade da unidade. Nunca esquecerei o amor que encontrei entre os Gen, um amor que encheu meu coração... foi como se nos conhecêssemos há muito tempo. Estas experiências me afetaram muito e senti que algo estava começando a mudar dentro de mim. Assim que retornei à Síria, houve também aqui um Congresso Gen que eu participei. Por causa das situações difíceis da guerra, pela primeira vez em 10 anos pudemos nos encontrar. Foi uma experiência rica marcada pelo amor mútuo e vivida como uma só família. Experimentei que a paz interior estava crescendo em mim dia após dia. As experiências que tive durante os dois fins de semana com os Gen e as pessoas que conheci deixaram uma profunda impressão em meu coração e me ajudaram a ser novamente aquela pessoa positiva que olha para frente com coragem. Há momentos em que, por causa das pressões que estamos sofrendo na vida, perdemos a esperança... como se fosse o fim do mundo e nada mais existisse. Porém, se tentamos, por sua graça, Deus nos permite retornar a Ele e descobrimos que as coisas difíceis que experimentamos foram

como nossa própria pequena participação nos sofrimentos de Jesus na cruz. Percebemos que nossas dores eram pequenas em comparação com seus sofrimentos experimentados para nos redimir. Uma coisa que sinto que devo dizer é que, quando vivemos momentos dolorosos na vida, que parecem não ter fim, eles podem terminar na luz, mas cabe a nós pedir a ajuda de Deus na oração. Ele está sempre pronto para nos ajudar e com grande esperança podemos recomeçar e ter uma relação cada vez mais forte com Ele.

Paul (Aleppo, Síria)



o trabalho. Elas ganharam uma nova esperança! Em uma reunião com os Gen senti que tinha que dar um passo para fora de minha zona de conforto - inspirado pelo exemplo de tantos ao redor do mundo - eu queria "sair para a rua" para tentar amar os outros como a mim mesmo. Um dia fomos a Sisak para conversar com o pároco sobre como seguir em frente com os ciganos, e depois visitamos esta família em Petrinja e levamos para eles vários bens de primeira necessidade. Vimos como eles usaram o dinheiro que arrecadamos para consertar sua sala de estar, que agora é realmente aconchegante! Também trouxemos um laptop para que as crianças pudessem acompanhar a escola on-line. Eu me senti em casa. Havia uma bela atmosfera familiar. Embora eu não tivesse feito nada de concreto pela situação deles até então, dei o que pude: eu mesmo com minha boa vontade e um pouco do meu tempo. Sou grato a Deus que me deu esta oportunidade de amar e quero continuar a amar porque encontrei a alegria multiplicada ao centuplo, que quero compartilhar com os outros e agora com vocês.

Thiana e Peter (Croácia)

Com os mais sofredores

Após o terremoto de dois anos atrás na Croácia, decidimos fazer algo indo para o epicentro do sismo. Procurando a melhor maneira de ajudar, o pároco de Sisak nos surpreendeu ao nos pedir para trabalharmos com ele na preparação de um grupo de crianças ciganas para sua Primeira Comunhão. Concordamos em ir toda semana durante alguns meses à aldeia de Capranske Poljane, onde vivem muçulmanos e cristãos romanichéis (ortodoxos e católicos). Fizemos catequese com eles, teatros, jogos... A partir deste encontro nasceram belas relações que continuam e crescem ainda hoje.

Através dos focolarinos também conhecemos e visitamos uma família de Petrinja, que vive em uma situação muito difícil (tanto por causa do terremoto como pela realidade socioeconômica em que se encontram). Com a ajuda da Cáritas conseguimos comprar materiais e ferramentas tanto para consertar a casa como para retomar





Leituras

Uma visão da unidade

Recentemente saiu o livro "**L'unità. Uno sguardo dal Paradiso'49 di Chiara Lubich**", A Unidade. Um olhar a partir do Paraíso '49 de Chiara Lubich (N.d.T.), editado por Stefan Tobler e Judith Povilus (Città Nuova, Roma 2021). Em breve será publicado em outros idiomas. É um estudo aprofundado, com muitas vozes, que nos ajuda a entender o que é a unidade, o ponto central da espiritualidade dos Focolares.

"A unidade é nossa vocação específica"¹; "A unidade, portanto, é o nosso ideal e não outro"². Chiara Lubich estava bem ciente da missão da obra à qual ela havia dado vida.

Se "a unidade é o que caracteriza o Movimento dos Focolares"³, este é chamado a se questionar sobre a herança recebida e sobre como se desenvolver de forma criativa e fiel. Como podemos viver hoje a unidade nos focolares, nos núcleos, entre aqueles que compartilham a "Palavra de Vida"? Como percorrer com coragem e liberdade um caminho que evite o autoritarismo e o individualismo, que permita o pleno desenvolvimento de dons pessoais e a busca de objetivos comuns? Como podemos trilhar o difícil caminho da comunhão que exige a salvaguarda da autonomia legítima e a busca de identidade e aceitação, integração e abertura à diversidade? Este tema toca a Obra inteira.

Ao mesmo tempo, o legado de Chiara Lubich é muito mais amplo: a unidade diz respeito ao mundo eclesial, às relações entre religiões, culturas, nações...

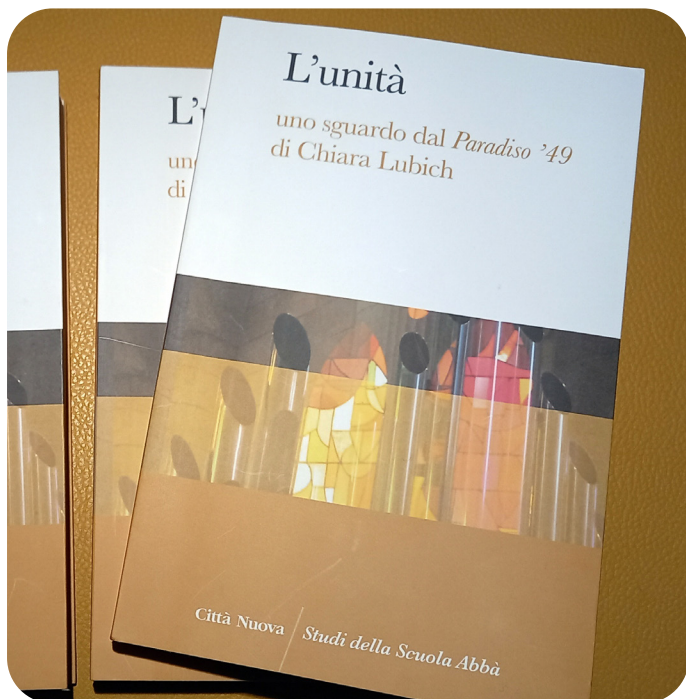
A pedido do Centro da Obra de Maria, a Escola Abbà vem examinando este tema há alguns anos, começando, como é sua natureza, a partir da experiência de Chiara Lubich nos anos de 1949-1951. Assim nasceu o livro "*L'unità. Uno sguardo dal Paradiso'49 di Chiara Lubich*", "A Unidade. Um olhar a partir do Paraíso '49 de Chiara Lubich (N.d.T.).

O volume está dividido em três partes. A primeira - "Fundamentos" - oferece uma visão global da unidade do ponto de vista bíblico, teológico e espiritual. Os escritos de Chiara são analisados em toda a sua profundidade e ousadia. Tomados em seu contexto, eles mostram a "lógica" divina, a de um Deus cujo "interior" "não deve ser pensado como um todo no qual as diferenças desaparecem, ao contrário: Deus é o Único, precisamente porque Ele é infinita multiplicidade", uma dinâmica que se reflete na criação. Como Chiara escreve, o Pai "diz 'Amor' em tons infinitos", indicando a extraordinária riqueza das manifestações infinitas de seu amor.

¹ L'unità e Gesù Abbandonato, Città Nuova, Roma 1984, p. 26.

² Ibid., p. 43.

³ Ibid., p. 26.



A segunda parte do livro propõe uma leitura de alguns dos textos do Paraíso '49, a fim de trazer à tona as intuições fundadoras sobre a unidade. Desta forma, páginas ou fórmulas que o desgaste do tempo ou a repetição preguiçosa às vezes tornaram incompreensíveis ou inaceitáveis são iluminadas com nova luz. Para viver a unidade, é necessário anular a própria personalidade, ou o "entrega sem reservas de si, na lógica da vida de Deus, que nos leva a 'correr o risco' de 'perder' a própria"? O que significa viver "do jeito da Trindade"? Na unidade há nivelamento ou não é antes a epifania da pluralidade? Trata de mal-entendidos e desvios aos quais uma compreensão inexata de expressões como "perder", "morrer", "anular-se" pode levar, e destaca a fecundidade de um amor exigente e total que leva à plena autorrealização: "Vimos claramente", afirma Chiara, "que cada um de nós tem uma personalidade distinta e inconfundível", que é "a palavra que Deus pronunciou quando nos criou". A unidade aparece então dinâmica, em constante transformação, criativa, necessitada da contribuição de todos e de cada um, respeitosa de todos e de cada um. Isto também inclui a contribuição e a posição única e irrepetível da pessoa de Chiara como instrumento de mediação do carisma e fundadora.

A terceira parte do livro abre-se a diferentes disciplinas que são inspiradas pelos ditames do Paraíso '49 para uma proposta relevante para

seu campo específico. Esta última parte foi a que exigiu maior atenção metodológica. Como a linguagem do Paraíso '49 é predominantemente de natureza religiosa, nos perguntamos como escrever um livro transdisciplinar sobre uma palavra plurissemântica - unidade - sem o risco de falar sobre coisas diferentes e misturar linguagens.

Se um Movimento e uma espiritualidade que se definem como "da unidade" deram origem a realidades sociais e contribuições acadêmicas nos mais diversos campos, isso significa que existe um denominador comum, um ponto de partida e uma base estável que torna possível para todos, mesmo trabalhando em campos diferentes, reconhecer na unidade um horizonte comum, mesmo quando se expressam na linguagem específica de sua própria disciplina. Apenas algumas linhas intuitivas são traçadas em certos campos da vida social e do pensamento que exigirão maior desenvolvimento.

O livro é o resultado de um processo lento na Escola Abbà. Por mais de dois anos, a partir de 2017, o Paraíso '49 foi lido à luz deste tema específico. Cada uma das doze contribuições traz a assinatura dos respectivos autores, que mantêm seu estilo, experiência e metodologia específicos. Ao mesmo tempo, é fruto da comunhão de todo o grupo: uma forma de trabalho que exigiu um exercício de "unidade" - em consonância com o próprio tema! - o que nem sempre foi fácil, a fim de acolher e compreender o outro em sua diversidade, devido ao fato de que eles vêm de países diferentes, têm formações científicas diferentes e áreas disciplinares e metodológicas específicas.

O livro é limitado à leitura de algumas páginas do Paraíso '49. Não pretende, portanto, esgotar um tema tão vasto e exigente, mesmo se, graças à profundidade dos textos de referência, oferece uma grande riqueza de intuições e propostas.

Fabio Ciardi

A consequência de compartilhar

Sou médica e me aposentei há três anos. Nos meus últimos anos em atividade, antes da pandemia, trabalhei em um centro de vacinas.

O trabalho exigia muito de mim. Ficava bastante cansada e esperava ansiosamente o momento de me aposentar. A chegada da pandemia, o começo da campanha de vacinação em massa, a demanda de disponibilidade de tantas forças necessárias (até mesmo médicos e enfermeiros aposentados) suscitou em mim um forte chamado a ir a campo mais uma vez, a me empenhar concretamente para dar minha contribuição para frear essa onda que estava nos engolindo.

Comecei a campanha de vacinação em um grande centro. É uma empreitada envolvente. Como médica devo, principalmente, recolher o histórico médico e verificar se a pessoa pode tomar a vacina de forma segura. Trata-se de abrir o coração, mais do que a cabeça e os conhecimentos científicos, escutar até o fim a pessoa que está diante de mim, entendê-la e acompanhá-la em uma escolha consciente da melhor coisa a se fazer para o bem dela e o bem coletivo.

Pude compartilhar muitas situações dolorosas de doenças pessoais, de histórias e acontecimentos

A alegria de dar

Sabendo que minha irmã e eu, junto com um grupo de voluntários do Movimento dos Focolares, estávamos recebendo roupas para serem doadas a quem precisava, uma amiga me trouxe quase 20 blusas de seda, muito bonitas e em ótimas condições.

Quando chamei minha irmã para entender como distribuí-las, ela me disse que as doações não tinham terminado. Dante, um senhor que uma outra vez já havia nos ajudado, tinha recebido roupas para doar e desejava dá-las a nós.

Então decidimos enviar tudo para a cidade de Santa Maria (Argentina). “Quero agradecer às pessoas que



familiares, de medo, de ansiedade, de desilusão, de ideais e projetos destruídos pela pandemia, de mortes de pessoas queridas, mas também de alegrias, de esperança, de libertação, de encorajamento, de confiança na ciência e na comunidade.

As palavras que escuto são: “...obrigada, vocês nos salvaram. (...) Nos deram paz... não via a hora de vir tomar vacina... estou emocionada... mais do que por mim, tomo a vacina pelos outros”.

A frase de um senhor, em particular, me deu a medida do que o meu serviço à humanidade pode ser. Ele me disse: “...eu não acredito em Deus, mas se Ele existe, o encontrei hoje na senhora”.

Agradei a Deus por esse retorno, sobretudo porque experimentei a força da unidade em tudo aquilo que faço e esse testemunho é o testemunho de Deus-Trindade que se manifesta por meio daquele “focolare ambulante” que quis levar comigo.

M.P. (Itália)

doaram essas roupas tão bonitas. É algo sagrado – escreveu-nos uma das pessoas de Santa Maria que recebeu as roupas -. Logo que as recebi arrumei tudo e organizei um guarda-roupa comunitário. Eu pensei: ‘Jesus, isto é para você’. Convidei várias pessoas e elas as experimentaram: ‘Esta vou usar na reunião’, dizia uma. E outra: ‘Esta me serve bem... sinto-me outra pessoa”.

Essa experiência nos fez entender como é importante, ao mesmo tempo que coletamos e distribuimos as coisas com amor, encontrar a maneira de contar isso aos outros, para que muitos possam ser contagiados pela alegria de dar.

María Inés Aiquel

(San Miguel de Tucumán, Argentina)

e Margarita Rodríguez

(Santa María, Catamarca, Argentina)

Mariapolites celestiais

Friederike Koller:

proximidade e grandes horizontes

Sempre pronta, disponível, próxima e, ao mesmo tempo, capaz de ver a perspectiva global. Ela nos deixou no dia 5 de dezembro passado. Desde 2014, foi conselheira no Centro Internacional do Movimento dos Focolares.

Nos dias de hoje, saber olhar e conter um horizonte que está se tornando "cada vez mais amplo" é um talento necessário para aqueles que ocupam cargos de direção em organizações internacionais que expressam a grande complexidade que caracteriza este tempo. Friederike Koller tinha esta capacidade.

Ela nos deixou em 5 de dezembro passado, após uma vida intensa e uma doença fulminante. Passou principalmente na Europa e na África, mas viveu ao lado de muitas pessoas em todos os continentes. De 2014 a 2020, Friederike, focolarina alemã, desempenhou o papel de conselheira no centro internacional do Movimento dos Focolares como delegada central, juntamente com Ángel Bartol. Foram os colaboradores mais próximos da presidente e co-presidente do Movimento, com uma ocupação importante e delicada: trabalhar para manter a unidade das comunidades do Movimento dos Focolares no mundo.

Foi uma tarefa 'glocal', poderíamos dizer, com desafios constantes e extremamente variados, onde



as diversidades culturais, sociais e políticas exigiam uma visão global de povos inteiros, sem esquecer a atenção às pessoas singulares. Friederike era médica de profissão e - como disse Peter Forst, um focolarino alemão - "estava sempre preocupada em curar, nunca em infligir novas feridas. Escutar, saber esperar, deixar-se tocar profundamente pelas perguntas, colocar-se sempre na linha, estar perto, não evitar conflitos, ganhar confiança: estes foram alguns de seus grandes pontos fortes".

Sua preocupação com cada pessoa e seu desejo de fazer algo grande caracterizaram as escolhas de Friederike desde muito cedo: antes de tudo, música e dança porque, como ela explicou, isso a faziam "entrar num mundo que não passa, que tem gosto de eternidade". Mas com sua adolescência, as grandes questões sobre o sentido da vida começaram a surgir. Foi uma busca que a levou primeiro a inscrever-se na Faculdade de Filosofia e depois a mudar seu campo de estudo: optou pela Medicina porque pensava que poderia ajudar muitas pessoas e talvez compreender melhor o "segredo" da vida.

Depois, um episódio trágico marcou mais um passo para a descoberta do significado que ela procurava: paradoxalmente, a morte absurda de uma amiga após um grave acidente abriu uma porta para a presença de Deus dentro dela e a uma conversa com ele. Pela primeira vez", conta ela, "aquele Deus, que eu sentia ser apenas um 'juiz', tornou-se vida, beleza e harmonia". Desta forma, descobriu Nele a Verdade que tanto tinha procurado.

O primeiro contato com a espiritualidade dos Focolares coincidiu, para Friederike, com a descoberta de um Evangelho "possível" e praticável. "Minha concepção individualista de pensar e fazer", conta ela, "caiu e, pouco a pouco, comecei a olhar para as pessoas



ao meu redor como verdadeiros irmãos e irmãs, confiando no Amor do Pai por cada um".

A vida tornou-se intensa e rica: no trabalho, com os jovens, no cuidado com os mais pobres. "Senti dentro de mim o desejo de me entregar totalmente a Deus, mas ao mesmo tempo, tinha um medo louco de perder minha liberdade". Naquele tempo, ela aprofundou seu conhecimento sobre Maria, a mãe de Jesus: "Um dia lembrei-me daquele 'sim' que ela havia dito contra toda razão humana, mesmo com todos os medos que ela também sentia. Isso me deu a coragem de dizer meu Sim também".

Após a escola de formação das focolarinas em Loppiano (Itália), voltou a morar na Alemanha, primeiro em Colônia e depois em Solingen. Trabalhou como médica durante quinze anos, o que ela descreveria como "uma escola de humanidade, de partilha e também de humildade e de profundo



ela. Isso nunca mudou, mesmo quando tinha responsabilidades importantes. A cada 15 dias, com um serviço silencioso e quase escondido, ela era voluntária no Centro Astalli em Roma, oferecendo acolhida e consolo às mulheres imigrantes.

Também viveu a vida cotidiana da comunidade com simplicidade e naturalidade. "Fazia tudo com muito cuidado. Com ela foi muito difícil amar primeiro, inevitavelmente você sempre era o segundo".

"Foi um presente conhecer Friederike", lembra Conleth Burns, um jovem irlandês com quem Friederike compartilhou o trabalho para o projeto Pathways. "Ela estava sempre pronta, disposta, próxima, capaz de ver o quadro em uma perspectiva global. Para ela, a unidade sempre foi tanto grande quanto pequena, diária e estratégica, pessoal e social. E acho que a melhor maneira de lembrá-la é seguir seu exemplo e vivê-lo ao máximo".

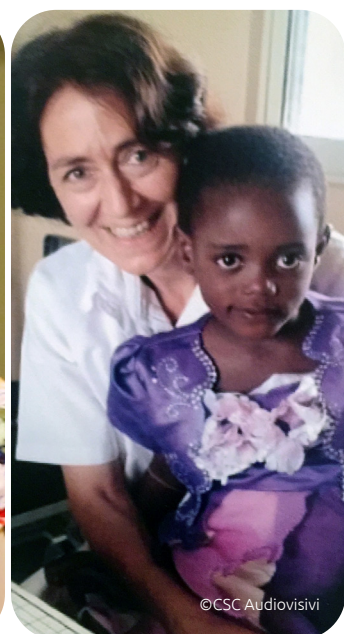
Anna Lisa Innocenti e Stefania Tanesini



respeito diante da vida de tantas pessoas com desafios inimagináveis".

Em 2010, o Movimento dos Focolares estava procurando uma focolarina responsável pela Nigéria, em um momento difícil para a situação social do país, com a eclosão de atos terroristas. Friederike, então co-responsável pelos Focolares no noroeste da Alemanha, não pediu a outras, mas ofereceu-se para ir até lá. Ela amava verdadeiramente o povo nigeriano", recordam as focolarinas daquela terra, "com seus enormes desafios de geografia, etnia e religião. Ela foi capaz de compartilhar nossas dificuldades, acompanhando cada situação até o final. Ela nos acompanhou e nos encorajou a escolher sempre os últimos".

Ela tinha um amor de predileção pelos descartados, pelos pobres, pelos esquecidos e também a preocupação por qualquer um que passasse por





Membros do Movimento que concluíram sua vida terrena:

31 de março de 2021 **Camillo Cavaliere**
voluntário da Itália

10 de abril de 2021 **Juanita Bajet**
voluntária dos EUA

15 de junho de 2021 **Antonio Motta**
voluntário do Brasil

26 de julho de 2021 **Emilio Pastacaldi**
focolarino casado da Itália

29 de julho de 2021 **Eraldo Carpanese**
sacerdote focolarino da Itália

17 de outubro de 2021 **Gauce Kely Oliveira da Cruz
Gouveia** *focolarina casada do Brasil*

21 de outubro de 2021 **Maria Antonietta Antonelli**
focolarina da Itália

31 de outubro de 2021 **Oskar Storm**
focolarino da Alemanha

3 de novembro de 2021 **Florian Frey**
sacerdote focolarino da Áustria

10 de novembro de 2021 **Giovanni D'Alessandro**
focolarino da Itália

15 de novembro de 2021 **Emilia Farina**
focolarina da Itália

27 de novembro de 2021 **Claudio Zorini**
voluntário da Argentina

28 de novembro de 2021 **Pietro Lee Keun-Kuk**
focolarino casado da Coreia

28 de novembro 2021 **Arsen Mihajlovic**
diácono permanente focolarino della Croácia

2 de dezembro de 2021 **Monsenhor Aldo Giordano**
bispo da Itália

5 de dezembro de 2021 **Friederike Koller**
focolarina da Alemanha

6 de dezembro de 2021 **Mario Terrile**
sacerdote focolarino da Italia

8 de dezembro de 2021 **Charles Landreau**
sacerdote focolarino da França

10 de dezembro de 2021 **Luigi Sartori**
sacerdote focolarino da Italia

13 de dezembro de 2021 **Maciek Michniwicz**
focolarino casado da Polônia

15 de dezembro de 2021 **Maria Luiza Arrezzi**
focolarina do Brasil

18 de dezembro de 2021 **Danilo Gioachin**
focolarino da Itália

Contribuições para o noticiário Mariápolis:

Prezados leitores,

este noticiário em formato Pdf, que pode ser impresso, é um serviço gratuito do Departamento de Comunicação. Mas somos sempre gratos a quantos

quiserem continuar a sustentar, inclusive economicamente, o nosso trabalho, contribuindo também assim para a difusão do Carisma da unidade.

A redação

A ajuda econômica pode ser enviada por transferência bancária na conta corrente

PAFOM – Noticiário Mariápolis
Unicredit Ag. di Grottaferrata (RM) - Piazza Marconi
IBAN: IT 94 U 02008 39143 000400380921
BIC: UNCRITM1404



Santos juntos

Chiara Lubich: transformar para dar vida a um mundo novo

Em 14 de março de 1989, Chiara Lubich respondeu às perguntas dos Animadores dos Jovens por um Mundo Unido. Neste trecho ela se refere ao cuidado para com a criação, um tema novo naquele período e uma verdadeira urgência para toda a humanidade ainda hoje.

O desenvolvimento das ciências e da técnica foi algo grandioso, maravilhoso, que deixou todos atônitos. Porém [...], quase sempre, chegou prescindindo Deus.

E agora estamos em um planeta, como vocês sabem, que se continuarmos assim, pode desaparecer de um momento para o outro, ou destruir todos nós numa catástrofe, que não é atômica, mas ecológica. [...]

É como se os homens usassem grandes botas e, ao longo das décadas, foram caminhando na lama, espalhando-a por toda a parte. Lançaram na atmosfera substâncias e coisas poluentes, como também no mar e nos rios; destruíram as árvores, estragaram tudo.

No entanto, tinham feito descobertas maravilhosas que levavam a um grande progresso. Portanto existe o bem misturado com o mal, porque não estavam sob o olhar de Deus, não o escutaram. E agora este fenômeno também nos obriga a rever, todos juntos, os problemas, vendo o mundo de uma forma integral. Se não resolvermos juntos este problema, não o resolveremos

Afirmar que tudo tende à unidade, mesmo coisas mal elaboradas, nos fazem compreender que sim, uma fraternidade universal deve ser realizada, mas em Deus; deve ser reformulada, vivemos neste mundo, não devemos fazê-lo explodir, mas lembremo-nos que Deus existe. [...]

Em suma, há um impulso, mesmo que invertido, desta tendência à unidade, e quase nos impõe a ser uma coisa só, como, por exemplo, o problema ecológico, que nos obriga a realizar uma fraternidade diferente. [...]

Se não resolvermos este problema todos juntos, não o resolveremos.

Todos os acontecimentos, sobretudo os dolorosos, que são os mais difíceis de interpretar, podem ser entendidos de duas maneiras [...] eles são como são porque materialmente são assim, mas existe algo no seu interior, a mão de Deus, a providência de Deus que os transforma, como em uma alquimia, e os transforma em combustível para nossa vida espiritual.

Foi necessária a cruz para nos redimir, foi necessário aquele sofrimento, aquele grito - “Meu Deus, por que me abandonaste” - para nos redimir. É necessário também o nosso sofrimento para conseguirmos gerar um mundo novo, para transformar o mundo, as pessoas, as criaturas. É necessário sofrer.

Chiara Lubich

(Chiara Lubich, Respostas às perguntas dos animadores de Jovens por um Mundo Unido, Castel Gandolfo, 4 de março de 1989).

ECO... ATUEMOS

ESTOU TRISTE!



EU TAMBEM!



EXISTIRÁ CERTAMENTE UM MODO DE SALVAR O PLANETA



ESTES MUITOS PROVÊM DOS POUCOS QUE CRESCEM!



PLANTEMOS



USEMOS



REDUZAMOS



DEITEMOS



SELECIONEMOS



RECICLEMOS



PARTILHEMOS



ADQUIREMOS



ESTUDEMOS



ENVOLVAMOS



PROPONHAMOS



LIMPEMOS



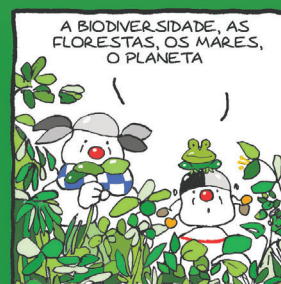
ESCOLHAMOS



RESPEITEMOS



SALVEMOS



walterkostner@hotmail.com

Pepê e Jotabê By Walter Kostner